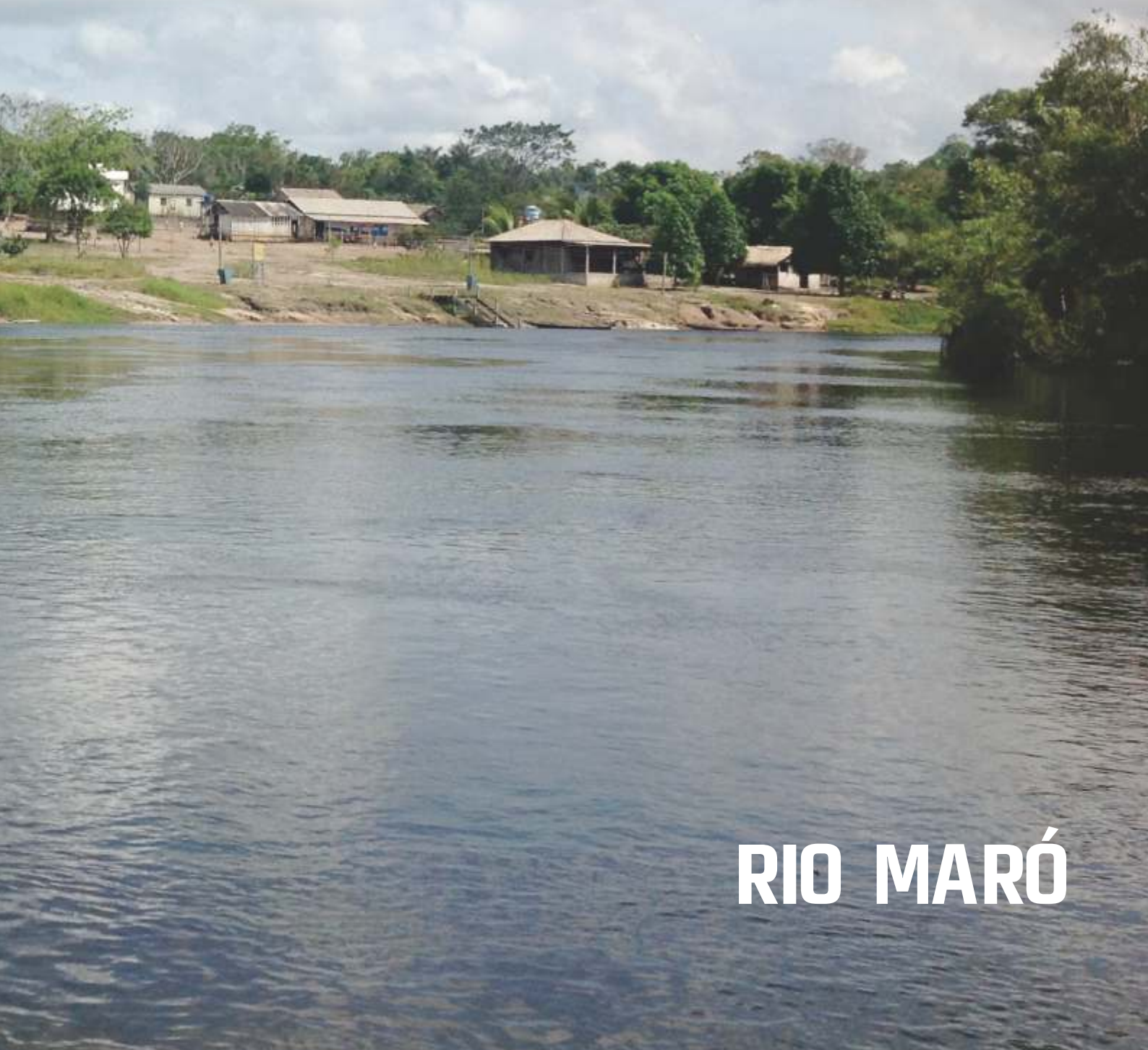


Prazer em conhecer **REPARTIMENTO**



RIO MARÓ

Realização:



Apoio:



OS AUTORES 3

PRA COMEÇO DE CONVERSA 4

PASSO A PASSO 5

LOCALIZAÇÃO 6

MAPAS DE REPARTIMENTO 7

A GLEBA NOVA OLINDA I 10

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA 13

A VIDA COMO ELA É 14

ANSEIOS E PRIORIDADES 17

LENDAS 18

FICHA TÉCNICA 19

Prazer em Conhecer
REPARTIMENTO

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2013

Os autores

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em setembro de 2013, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, somada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental.

A autoria deste trabalho deve ser atribuída principalmente aos comunitários de Repartimento, jovens e adultos, que, estiveram presentes e voluntariamente prestaram seus depoimentos, com o objetivo de levantar informações para construir coletivamente a Cartilha Prazer em Conhecer.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Essa foi a maneira escolhida para garantir a transmissão de conhecimentos que se fundam na oralidade e valorizam e difundem as riquezas do patrimônio material, cultural e imaginário dos povos tradicionais da floresta, para as Escolas, para os movimentos sociais e ambientais e para quem, de um modo em geral, se preocupa com os povos da floresta.

Uma construção coletiva, que tem como protagonistas os povos tradicionais da Gleba Nova Olinda I, no extremo do município de Santarém, mais especificamente a comunidade Repartimento, no alto do Rio Maró. Um povo dotado de uma cultura espontânea e peculiar, onde homens, mulheres e crianças foram convidados a participar, respeitando o preceito que todos são professores e alunos o tempo todo.

Os dados gerais e sócios econômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento para mostrar que “debaixo da floresta da gente tem gente.”

“O mundo não é, o mundo está sendo.” (Paulo Freire)





Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais, o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público, sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos e florestas. O conhecimento que está na “memória popular” sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, com seus atrativos, potenciais e desafios.

Por isso, no intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado **“PRAZER EM CONHECER”**.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades que vivem em Unidades de Conservação e Assentamentos da região Oeste do Pará. Uma região tradicionalmente ocupada por populações de descendência indígena, que ao longo do tempo se misturaram com migrantes e colonos de diferentes origens e hoje vivem em comunidades que se formaram a partir das antigas vilas de velhas missões e aldeias indígenas.

As primeiras publicações foram da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns em 2011. Em um novo ciclo do trabalho em 2013, as publicações retratam também as comunidades que vivem na área do entorno da Resex, na Gleba Nova Olinda I, região do Rio Maró, que após um período de conflitos pela posse da terra, passou recentemente por um processo de ordenamento fundiário. A região hoje possui um mosaico de unidades territoriais para a proteção das áreas das comunidades tradicionais, a criação de áreas de interesse ecológico e o planejamento de longo prazo das áreas com potencial econômico, principalmente o manejo florestal madeireiro.

Desta forma, a proposta desta publicação é a ampliação do conhecimento sobre esta região e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

A Cartilha da comunidade de Repartimento, localizada no Rio Maró, dentro de um Projeto Estadual de Assentamento Sustentável (PEAS) é um retrato atual da realidade contada pelos próprios moradores durante a realização do processo de mapeamento socioambiental participativo.

“É legal que no mapa o aluno aprende também matemática, calculando a distância das casas e a geografia”. – Professor Sérgio



Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a “memória” da comunidade como principal subsídio, como também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menor risco de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe à comunidade, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método **ANDRAGÓGICO**, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a “mesma língua” e a seguir, chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do **ELENCO SOCIAL** envolvido.

Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.



SÍNCRESE – A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem a sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE – “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e seus conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE – A troca de experiências permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “lâmpada é remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.



Localização

A Comunidade de Repartimento (**coordenadas: 21M 9.668.938 N 629.189 E**) fica localizada no alto Rio Maró, afluente do Rio Arapiuns. Situada dentro de um Projeto Estadual de Assentamento - PEAS.

O rio é bastante sinuoso, cheio de curvas, o que faz da viagem, embora demorada, uma oportunidade ímpar para apreciar as belas paisagens, como o espelho negro das águas que reflete o verde da floresta igual a um quadro produzido por um artista inspirado na poesia da natureza. Repartimento é a última comunidade do Rio Maró alcançada por Barcos de Linha.





A Gleba Nova Olinda I

A comunidade de Repartimento está situada no extremo Oeste do Estado do Pará dentro de um Projeto Estadual de Assentamento Sustentável - PEAS que faz parte de um conjunto de terras públicas estaduais com rica e abundante biodiversidade de floresta tropical, ocupadas por diversas comunidades.

Tais terras públicas estaduais, conhecidas como **Glebas Mamurú, Nova Olinda I e II e Curumucuri**, compreendem uma área de cerca 1,3 milhões de hectares, delimitada ao sul pelo Parque Nacional da Amazônia, ao leste pela Resex Tapajós-Arapiuns e à oeste pela Terra Indígena Andira-Marau, com poucas vias de acesso terrestre e em sua maior parte, ainda com alto grau de preservação.

O PEAS Repartimento faz parte da Gleba Nova Olinda I que está localizada entre os municípios de Santarém, Aveiro e Juruti, entre a margem esquerda do Rio Maró e margem direita do rio Aruã. Possui 14 comunidades e cerca de 330 famílias ou 1.304 pessoas em uma área aproximada de 172 mil hectares.

Devido aos conflitos fundiários com a presença de empresas madeireiras na região, e à situação de insegurança das comunidades, uma parceria firmada entre o Projeto Saúde e Alegria, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém (STTR) e o Conselho Indígena do Tapajós/Arapiuns (CITA), resultou na realização de oficinas de mapeamento participativo, que possibilitassem a geração de dados e mapas da área a partir do conhecimento e da percepção territorial das comunidades tradicionais residentes.





Como consequência, em junho de 2007, o Instituto de Terras do Pará (ITERPA) declarou considerar a Gleba Nova Olinda como prioritária para o processo de regularização fundiária. Desta forma, ganhou solidez o trabalho iniciado de assessoria às comunidades, sobretudo no monitoramento das ações do ITERPA, subsidiando todo o processo de discussão do ordenamento da gleba. Sucessivamente o Governo do Estado do Pará decretou limitação administrativa provisória sob uma área de aproximadamente 1,3 milhão de hectares, que envolve as quatro glebas, com o objetivo de viabilizar as ações de Ordenamento Territorial.

O decreto, que veio ao encontro dos anseios das populações locais, foi o resultado do desempenho do Grupo de Trabalho Mamuru-Arapiuns (ITERPA, SEMA, IDEFLOR), que buscando exercer a gestão compartilhada com as comunidades, movimentos sociais e empresários.

Durante o período de limitação administrativa provisória, foram realizados estudos e a identificação do uso mais adequado das áreas. Em Agosto de 2009 o Governo do Pará deliberou sobre a proposta que define o mosaico de usos para esse complexo de glebas, com foco na proteção das comunidades tradicionais, de áreas de interesse ecológico e o planejamento de longo prazo das áreas com potencial econômico.

Ao longo do ano de 2010, as organizações sociais e territoriais conseguiram colher os primeiros resultados de suas reivindicações com a implantação de dois tipos de modalidade estadual de ordenamento fundiário:

Os Projetos Estaduais de Assentamentos Sustentáveis (PEAS), que abrangem as áreas trabalhadas em regime de economia familiar que utilizam racionalmente os recursos naturais existentes. A destinação das áreas dá-se mediante um contrato de concessão de uso em regime individual, em nome da unidade familiar. O contrato de concessão é intransferível e inegociável pelo prazo de dez anos, ao término do qual poderá ser expedido Título Definitivo de Propriedade.





Os Projetos Estaduais de Assentamentos Agroextrativistas (PEAEX), que destinam-se às populações que ocupam áreas dotadas de riquezas extrativas e praticam prioritariamente a exploração sustentável dos recursos naturais, voltadas para a subsistência (agricultura familiar de subsistência, outras atividades de baixo impacto ambiental e à criação de animais de pequeno porte). A área é considerada de domínio público com uso concedido às populações extrativistas. A destinação das áreas dá-se mediante uma concessão de direito real de uso, em regime de uso comum, associativo ou cooperativista por prazo indeterminado.

Primeiro, foram criados pelo Governo do Estado:

3 PEAS (Projeto Estadual de Assentamento Sustentável) propostos: Aruã - Maró, Fé em Deus e Repartimento.

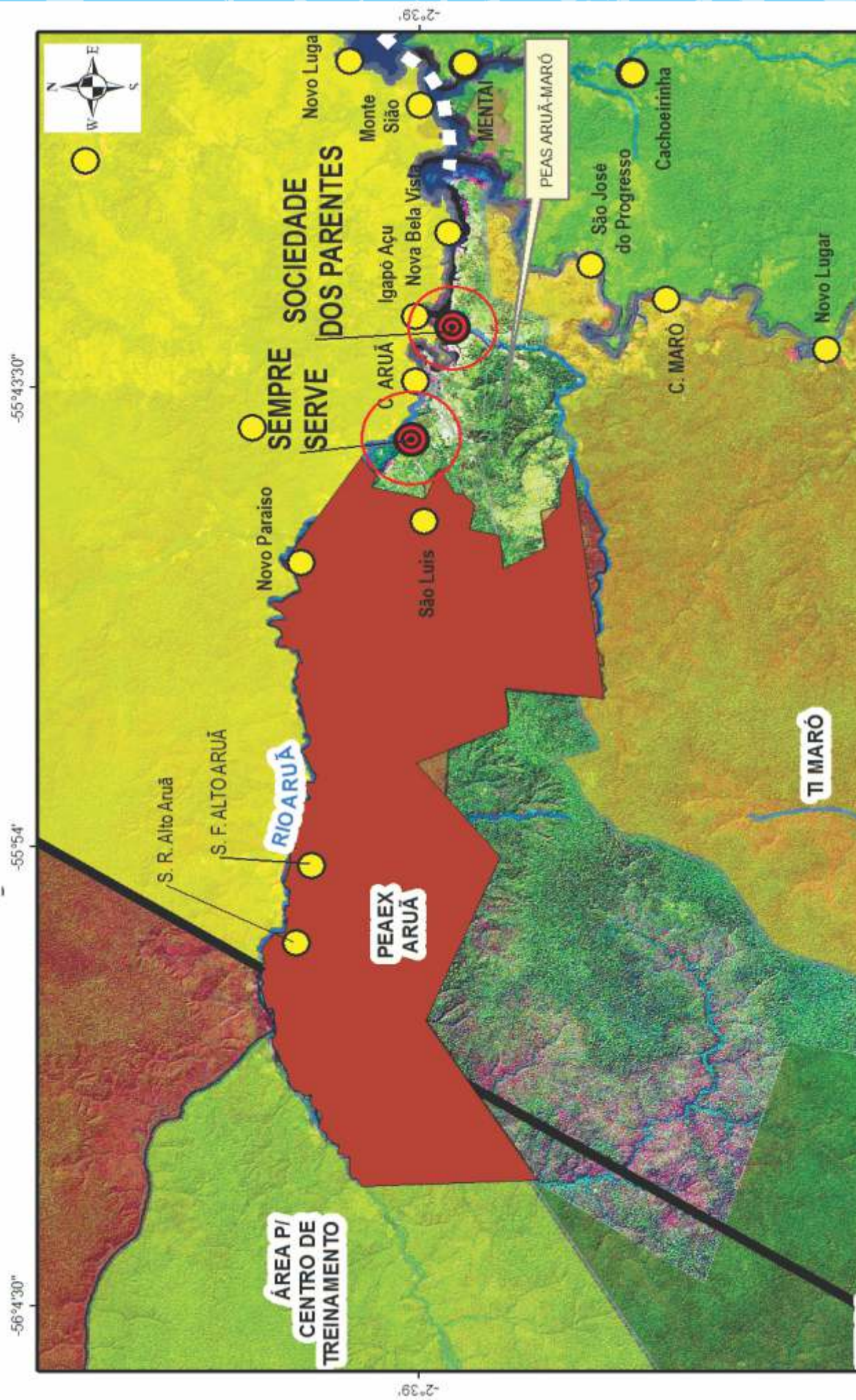
3 PEAEX do Alto Aruá, Mariazinha e Vista Alegre, todos pertencentes a Gleba Nova Olinda I no município de Santarém.

Paralelamente ao processo de ordenamento fundiário estadual, a FUNAI realizou a identificação e demarcação da Terra Indígena do Maró (Gleba Nova Olinda I), que resultou numa área de 42 mil hectares, hoje em processo de homologação no Ministério da Justiça.

Finalmente, atendendo às reivindicações de maior controle, governança e usos sustentável das áreas de interesse econômico, o Governo Estadual identificou as áreas de concessão florestal, que juntas somam mais de 173 mil hectares a serem destinada para o manejo florestal.



ÁREA DE ATUAÇÃO PROJETO SAÚDE E ALEGRIA







Um pouco de nossa história

O Primeiro morador da área a se estabelecer na região foi um senhor chamado de Marcus Pimentel, que foi atraído pela extração de madeira de lei (maçaranduba, pau-rosa) e couro de caça, como gato maracajá e de onça.

O núcleo de famílias que veio depois formar a comunidade, foi inicialmente criado em 1998, no rio Inambú, um dos afluentes do Rio Maró, pelo senhor Antônio Viana, vindo da comunidade de São José II onde o mesmo nasceu. Com o aumento do número de famílias e a necessidade de ter uma escola para as crianças, em 2001, surgiu a ideia de criar uma comunidade.

O nome escolhido para a comunidade é Repartimento porque está localizada bem na divisa dos rios Inambú, Maró e Marozinho.

O primeiro presidente foi o senhor Miguel Aires (já falecido), que era esposo de Dona Maria Rosalba Alves, hoje a moradora mais antiga da comunidade. Ele veio do Ceará e ela era do Arapiuns.

“Quando nós entramos pra abrir isso aqui, era só um espinhal, nós que roçamos tudo, eu, Miguel Aires e Vanete. Meu marido também chegou na região para trabalhar com a extração de maçaranduba, pau-rosa e principalmente couro de animais. Naquele tempo tinha muito peixe como aracu, pacu, piranha, tucunaré”, conta dona Maria Rosalba.



A vida como ela é

POPULAÇÃO

Repartimento é banhada pelas calmas águas do rio Maró, águas essas que espelham a beleza da mata ciliar e convidam para um refrescante banho. A comunidade é formada atualmente por 36 famílias, cuja maioria está distribuída às margens do Rio Maró. O povo é respeitador, alegre e comunicativo. **“É importante conhecer o lugar onde moramos”** diz o Sr. Delson

INFRAESTRUTURA

A infraestrutura comunitária é bastante precária. E tudo o que existe na comunidade foi construído pelos próprios moradores.

Das 36 famílias residentes atualmente na comunidade somente oito famílias tem energia elétrica, servida por um gerador a diesel que funciona algumas horas durante a noite. O restante das famílias usam lamparinas a querosene e a óleo diesel. A energia gerada pelo motor também ilumina a escola que tem aulas à noite. Cada usuário paga uma taxa mensal de R\$ 10,00.

Repartimento não dispõe de microsistema de abastecimento de água. Todas as famílias utilizam água para o consumo diário diretamente do rio e igarapés. O filtro de barro é o principal tratamento da água para beber.

O prédio da escola de ensino fundamental Cristo Libertador não possui tamanho suficiente pra atender todos os alunos, e por isso, tem uma professora que ministra aula na própria casa, devido à falta de espaço na escola.

Algumas famílias possuem forno de farinha em casa, mas são poucos, e alguns vizinhos usam o da Dona Lúcia por empréstimo.

“Há quase nada implantado pelo governo em nossa comunidade”, afirmam lideranças locais.



EDUCAÇÃO

A Escola Municipal Cristo Libertador possui 78 alunos e atende do pré-escolar à 8ª série e uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Existem 9 funcionários na escola: cinco professores, dois serventes, um auxiliar e um vigia. O prédio onde funciona a escola é improvisado e foi construído pelos próprios moradores.

A escola também desenvolve projeto de integração com a comunidade. Um dos últimos projetos foi relacionado à preservação do meio ambiente, com bons resultados.

Foi desenvolvido em parceria entre alunos, comunitários e barqueiros como conta a própria diretora: “A escola finalizou um projeto que é a preservação do meio ambiente, relacionado aos cuidados com o lixo, pois a comunidade vinha sendo prejudicada principalmente pelos barqueiros que traziam o lixo e deixavam na frente da comunidade ou jogavam no rio. Então, a escola apresentou um projeto e teve um bom resultado... foi dividido em 3 etapas nas quais nós fizemos as lixeiras com os comunitários, conscientizamos os barqueiros, comunidade em geral... A escola tomou essa iniciativa para que possamos conscientizar um pouco a população pra que isso possa ser evitado... Nós sabemos que ao jogar o lixo no rio, polui a água, os peixes são prejudicados, e como nós não temos poço artesiano pra beber água de lá, pegamos a água direto do rio, então, as crianças vão sofrer vários tipos de doenças e até mesmo os adultos”. Nesse projeto, os barqueiros deveriam juntar o lixo no barco e colocar nas lixeiras disponibilizadas na comunidade.

“Um grande exemplo de respeito à vida e de entendimento da interdependência entre o ambiente e os seres que nele habitam”, comentou a diretora da Escola.





TRANSPORTE

Somente uma embarcação, o B/M Creio em Deus, faz linha uma vez por semana para Santarém, o custo da passagem é de R\$ 50,00, e a viagem leva em media 20 horas para descer até Santarém e 22 hs subindo para voltar em Repartimento.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

A comunidade é coordenada e gerenciada pela AMREP – Associação Agroflorestal e Extrativista dos Moradores de Repartimento. O atual presidente da associação é o senhor José Antônio Imbiriba dos Santos popularmente conhecido como Delson.

Mesmo não existindo Delegacia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, vários trabalhadores são associados e distribuídos nas delegacias sindicais mais próximas, como em Nova Canaã, Prainha e Vista Alegre.

SAÚDE

Na comunidade não tem posto de saúde e nem Agente Comunitário de Saúde. Para os casos mais simples, as pessoas se deslocam até a comunidade de Prainha (na Resex), onde funciona um Posto de Saúde, e os casos mais graves são enviados a Santarém.

Em relação à vacinação, a comunidade é beneficiada nas campanhas de saúde promovidas pelos governos.

O remédio caseiro ainda é o mais usado pelos moradores, sendo cultivado várias ervas medicinais nos quintais das residências, como hortelã, arruda, anador e muitas outras.

A maioria das famílias utilizam água para o consumo diário, diretamente do rio e igarapés. São poucas as famílias que fazem tratamento da água para o consumo por meio de filtros.

ECONOMIA

A economia da comunidade é baseada no extrativismo e na pequena agricultura familiar. Os produtos mais extraídos são: breu, castanha do Pará, cipó titica, cipó açu e madeiras para a fabricação de canoas e botes (cascos).

A maior fonte de renda das famílias é a plantação da “maniva” para a produção da mandioca, muito usada na fabricação de farinha, tapioca, tucupi e outros derivados. Para se ter uma ideia, o preço da saca da farinha gira entre R\$120,00 e R\$150,00.

Existem alguns funcionários públicos municipais que atuam na área da educação. Não há projetos de agricultura familiar, criação de peixes, viveiros e plantação de verduras por falta de assistência técnica. A pesca de peixes como aracu, pacu, piranha e tucunaré é para o consumo próprio.





O complemento da renda das famílias são: o benefício do Bolsa Família e de Aposentadoria embora muitos comunitários trabalhem nas empresas que extraem madeira na região.

Para melhorar a renda da comunidade, a Associação está negociando o arrendamento de três áreas para exploração florestal junto às empresas madeireiras interessadas ao manejo florestal.

RELIGIÃO

A comunidade é formada por metade da população evangélica e metade católica, embora a única Igreja estruturada na comunidade seja a Assembleia de Deus, sendo o pastor Edmilson quem realiza os cultos.

CULTURA E LAZER

Uma das principais diversões do povo de Repartimento é tomar banho de rio, sendo que no mês de outubro tem bastante praia. A pescaria é também uma das atividades bastante atraente.

O futebol anima bastante os moradores, que tem o Flamengo Esporte Clube de Repartimento. O campo de futebol tem 5 traves – duas azuis, duas cor de madeira e uma para pênalti. Ou seja, funciona para jogos de campo (as de cor natural de madeira) e de quadra (as de cor azul). O Flamengo E. C de Repartimento continua super ativo e arranca comentários eufóricos dos comunitários quando falam sobre o time.

Não há muitas festas na comunidade. Um dos motivos é porque não tem espaço e a outra é por ser uma comunidade com bastante expressão evangélica. Mas a escola sempre realiza eventos comemorativos diversos que integram a comunidade, como o dia dos pais, 7 de setembro, dia das mães, entre outros.



Anseios e prioridades

Apesar das empresas madeireiras terem ajudado Repartimento a conseguir recurso para reconhecer a área como assentamento, ainda ficou na comunidade uma angústia pelas promessas não cumpridas por algumas delas.

Os comunitários passam por situações paradoxas. Para a construção de um barracão é necessário retirar madeira, vendê-la e com o dinheiro, precisam comprar mais de 40 telhas para cobrir o barracão. Esses comunitários foram proibidos de tirar madeira até a aprovação do Plano de Manejo. Para eles é incompreensível como em apenas 30 dias o manejo florestal dos empresários é aprovado pelos órgãos ambientais, enquanto que o dos comunitários já aguarda aprovação há 3 anos.

Isolados, os comunitários sonham com investimentos nas áreas de infraestruturas, principalmente:

- 1– Água, construção de micro sistema de abastecimento de água.
- 2– Energia elétrica - Construção de mini usinas para a geração de energia contínua. (Obs- O igarapé do Piquiá e do Cachimbo, tem potencial para a construção de mini usinas para a geração de energia contínua. (Necessitando fazer estudos)
- 3– Saúde - Posto de saúde (5 comunidades)
- 4– Educação - construção escola prédio padrão.
- 5– Transporte terrestre - reabertura e abertura das estradas e ramais.

Lendas

Quando o curupira tentou levar a filha da dona Rosa...

“A primeira vez que nós subimos pra cá com meu esposo pra trabalhar lá na Mariazinha, lá ainda não tinha muita gente... só era o finado Biricote. Nós estávamos já na boca da noite, fomos trabalhar no mato e estávamos voltando. A menina tava lá dormindo assim num barraquinho que nós tínhamos. Aí nós estávamos jantando. Foi quando nós vimos que o cachorro tava latindo. Aí o finado disse:

– ***Por que o cachorro tá latindo?***. E eu disse:

– ***Num sei não.*** Ai quando nós ouvimos, o grito da menina, o bicho ia carregando... e foi jogar ela lá na boca da estrada, já ia levando ela com todo o monte de pano... era o curupira! Um bicho, uma gente, sei lá! Ela ia carregando quando a menina caiu ou ela jogou a menina... Nós conversamos e fomos lá pegar a menina com todo o monte de pano que ela ia levando”, contou do Maria Rosalba Alves, de 60 anos, a moradora mais antiga da comunidade Repartimento.



FICHA TÉCNICA



EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Fábio Pena / Natanael
de Souza / Ellen Acioli / Dinael Cardoso
Anjos

PROJETO GRÁFICO E
DIREÇÃO DE ARTE
Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO
Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA, Fábio Pena, Ellem Acioli e
fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO
Gráfica Brasil

TIRAGEM 500 Exemplares

